

Apocalipse

(Carta aberta ao público)

Ao vencedor darei a comer da
árvore da vida, que está no pa-
raíso de Deus.¹

Tanto quanto é humanamente possível prever, no dia 1 de Abril de 1909 *Die Fackel* vai deixar de publicar-se. O fim do mundo, porém, dato-o do início da navegação aérea.²

Um adiamento destes dois acontecimentos por motivos externos em nada poderia afectar o meu direito de os prever nem o reconhecimento de que ambos têm as suas raízes no mesmo mal fenomenal: o progresso febril da estupidez humana.

A minha religião é acreditar que o manómetro já chegou aos 99. Em toda a parte vão penetrando os gases libertados pelo pus do cérebro universal, a cultura está sufocada e, no final, uma humanidade morta jaz junto das suas realizações, cuja invenção exigiu tanto do seu espírito que não lhe sobrou nenhum para as usar.

¹ *Apoc.* 2,7.

² No início de Agosto de 1908, um dos primeiros dirigíveis construídos pelo conde Zeppelin despenhou-se e incendiou-se em frente a uma multidão de dezenas de milhares de espectadores, dando origem a uma colecta nacional espontânea que permitiu financiar a continuação das experiências do inventor e a uma onda de entusiasmo nacionalista que levou Guilherme II a condecorá-lo, considerando-o “o maior alemão do século xx” e declarando enfaticamente o invento “um passo em frente na evolução da humanidade”.

Fomos suficientemente complexos para construir a máquina e somos demasiado primitivos para deixar que ela nos sirva. Conduzimos um tráfego universal por cérebros de via reduzida.

Mas eis que a natureza se revoltou contra as tentativas de abusar de mais uma dimensão para os fins da infâmia civilizacional e deu a entender aos pioneiros da anticultura que não há só máquinas, há também tempestades! “Expulso foi o grande dragão, que ludibria o mundo inteiro, foi lançado ao chão... Não teve força para conseguir um lugar no céu.”³ O ar queria empestar-se, mas não queria deixar-se “conquistar”. São Miguel lutou contra o dragão e o Michel ficou a ver.⁴ De momento, quem venceu foi a natureza. Mas, sendo a mais inteligente, vai ceder e propiciar a uma humanidade esvaziada o triunfo de sucumbir no momento de realizar o seu maior desejo. O caos que tenha paciência até a navegação aérea começar a funcionar — mas que regresse depois! O facto de, há cem anos, ter havido Montgolfières a ascender aos ares justificou-se para todo o sempre graças à transfiguração poética que daí extraiu um Jean Paul⁵; mas, nos dias em que uma sociedade de impostores de aéreo coturno attingir os seus fins e o arrivista servir de padrão, já não viverá nenhum cérebro capaz de condensar impressões em imagens. É uma garotice metafísica, mas o dragão que eles fazem ascender ganha vida. Vai-se poder cuspir na ordem social e esta ficaria infalivelmente com danos se não lhe estivesse destinada uma missão pior.

A natureza apela a que se reflecta sobre uma vida orientada para superficialidades. Por toda a parte se faz sentir uma insatisfação cósmica, a neve do Verão e o calor do Inverno manifestam-se contra o materialismo que transforma a existência num leito de Procrustes, trata as doenças da alma como dores de barriga e gostaria de desfigurar o rosto da natureza onde quer que lhe pressinta os traços: na natureza, na mulher e no artista. Não é possível meter medo com o incompreensível a um mundo que suportaria o seu fim desde que

3 *Apoc.* 12, 8-9.

4 A figura do “Michel”, como personificação nacional do alemão, é análoga ao Zé Povinho português, embora desprovida da faceta crítica associada a este.

5 No 11.º capítulo da obra *O vale de Campan*, Jean Paul (1763-1825), escritor admirado por Kraus, que o incluiu no programa de alguns dos seus recitais, descreve uma ascensão em balão.

não ficasse privado da respectiva exibição cinematográfica. Mas nós não hesitamos em tomar um terramoto como protesto contra as instituições da democracia e não duvidamos minimamente da possibilidade de que um excesso de estupidez humana possa fazer os elementos indignar-se.

A tragédia de uma humanidade caída que está muito mais mal preparada para a vida na civilização do que uma virgem para uma vida de bordel e que gostaria de usar a moral para se consolar da sífilis é agudizada pela renúncia constante a toda a renovação espiritual. O corpo dela está besuntado de ética e o cérebro é uma câmara escura calafetada com tinta de impressão. Gostaria de fugir da imprensa, que lhe envenenou as entranhas, para os bosques, e já não encontra bosques. Onde antes árvores altaneiras elevavam ao céu as graças da terra, acumulam-se edições dominicais. Não se calculou que um jornal americano precisa, para uma única edição, de uma massa de papel para cuja produção foi preciso cortar dez mil árvores com vinte metros de altura? Reimprime-se mais depressa do que se refloresta. Ai de nós, se se chegar ao ponto de as árvores só darem folhas duas vezes ao dia, mas não darem mais nenhuma!⁶ “E do fumo saíram gafanhotos para a terra e foi-lhes dada autoridade como a que têm os escorpiões... os seus rostos eram como rostos humanos... E foi-lhes dito que não fizessem dano à erva da terra, nem ao verde, nem às árvores, mas só às pessoas que não têm o selo de Deus na testa.”⁷ Mas eles fizeram dano às pessoas e não pouparam as árvores.

É então que a humanidade toma consciência de que o progresso lhe roubou o oxigénio e corre para o desporto. Mas o desporto é filho adoptivo do progresso, contribui de moto próprio para a estupidificação da família. Não há como escapar! Mesmo a jogarem ténis na estrumeira da vida, a torrente de porcaria aproxima-se cada vez mais e o sibilar de todas as fábricas não consegue sufocar o barulho dela, nem muito menos o conseguem os sons dos concertos sinfónicos em que os que estão inteiramente abandonados buscam refúgio.

Entretanto, os políticos cumprem o seu dever. São mártires da sua profissão. Ouvei dizer que a Áustria tinha anexado a Bósnia. E por

6 Era normal na época os jornais diários terem uma edição matutina e uma vespertina.

7 *Apoc.* 9, 3-4.

que não? Se é para acabar com tudo, o melhor é ter tudo bem juntinho. De qualquer modo, um tal laço de união é um empreendimento ousado — na América, onde tantas vezes nos confundiram, vai depois dizer-se outra vez que a Bósnia anexou a Áustria. Só a dissolução do nosso Estado, de que tanto se falou nos últimos tempos e que vai ser levada a cabo em separado, porque as outras regiões do mundo não querem soçobrar em tal companhia, poderia talvez pôr fim a todo o vão palavreado. Porém, lançar a confusão nos Balcãs é uma política de vistas largas. É lá que existem as reservas para produzir o caos geral. Mas os nossos próprios percevejos estão já a mobilizar-se contra a cultura europeia.

A missão da religião é dar consolo à humanidade no seu caminho para o cadafalso, a missão da política é fazê-la estar farta de viver, a missão do espírito de humanidade é encurtar-lhe o quarto de hora final e, ao mesmo tempo, envenenar a última refeição da condenada.

*Pela Alemanha fora vai lançado um cavaleiro do Apocalipse que vale por quatro. Segue a todo o vapor por trancos e barrancos. O seu bigode vai de nascente a poente e de norte a sul. “E ao cavaleiro foi dado poder para tirar a paz da terra para que todos se esganem uns aos outros.”*⁸

Mas depois volto a vê-lo na forma da besta de dez chifres e sete cabeças e com uma boca como as goelas de um leão. “Prostraram-se diante da besta, dizendo: Quem é semelhante à besta? E quem consegue lutar com ela? Foi-lhe dada uma boca que diz enormidades.”⁹

Junto da besta, porém, está a prostituta, “que infectou o mundo com a luxúria”. Ao entregar-se duas vezes por dia a todos os que quisessem. “Os habitantes da terra foram embebedados com o vinho da fornicção dela e os reis do mundo fornicaram com ela.”¹⁰

Que aspecto terão as pessoas cujos avós viveram na mesma época de Max Nordau?¹¹ Que de dia faziam negócios na Bolsa e à noite

⁸ *Apoc.* 6, 4.

⁹ *Apoc.* 13, 4-5.

¹⁰ *Apoc.* 17, 2.

¹¹ Max Nordau (1849-1923), escritor e jornalista prolífico, autor da conhecida obra *Degenerescência* (1892), muito divulgada nos meios finisseculares europeus, co-fundador do movimento sionista. Alvo da sátira de Kraus sobretudo como correspondente do jornal *Neue Freie Presse*.

liam artigos de jornal? Será que terão aspecto de alguma coisa?! Triste fado o teu, se tens pais e avós velhos leitores da *Neue Freie Presse*!¹² Mas a natureza não deixa as coisas chegar a esse ponto, ela que organizou as suas relações com a imprensa estritamente de acordo com o comportamento desta contra a cultura. Um mundo jornalizado vai ser poupado à vergonha de uma prole inapta para a vida: a estirpe cuja continuação o leitor aguarda com ansiedade vai ficar por imprimir. A criação recusa o *imprimatur*. O menino malcriado armado em intelectual, que qualquer ratazana envergonharia no tocante a cultura interior, é posto de lado. As lamúrias são tais que trazem logo o consolo de que as coisas não irão tão longe. Não, o filho bastardo de jornalismo e histeria não produzirá descendência! A ideia de que impedir que nasça o fruto da espécie de gente que hoje existe é um crime faz rir um coveiro dos seus abortos. Mas a natureza está já a trabalhar para não deixar as parteiras cair em tentação. A simplificação das convoluções cerebrais que é um triunfo da educação liberal vai tornar as pessoas incapazes mesmo daquele trabalho ínfimo cuja consumação a natureza lhes tornou de propósito agradável. Talvez assim a série de representações do *Sonho de Valsa*¹³ venha a conhecer uma interrupção inesperada.

Mas as pessoas julgam que as estatísticas do sucesso das novas obras musicais não vão influenciar a configuração destas condições? Julgam que há vinte anos elas teriam sido possíveis? Um mundo de harmonia afundou-se e o que fica no repertório é um galo a cantar; o espírito foi para o vazadouro e qualquer monturo de lixo é um palácio de cristal. Será que se notou o paralelismo constante entre o anúncio de um novo triunfo da *Viúva alegre*¹⁴ e o anúncio de um terramoto? Estamos num 666 apocalíptico...¹⁵ A natureza primordial maltratada resmungu; revolta-se por ter fornecido a electricidade para fazer funcionar a estupidez. Será que tendes notado

12 Alusão a Goethe, *Fausto I*, cena “Gabinete de trabalho”: “Se tens pais e avós, que triste fado o teu!” (trad. João Barrento). Dirigido por Moritz Benedikt, o jornal *Neue Freie Presse*, diário vienense liberal de grande influência, é um alvo permanente da sátira krausiana enquanto epítome da forma da “imprensa” estigmatizada pelo autor.

13 Opereta de Oscar Straus estreada na Primavera de 1907.

14 Opereta muito popular de Franz Lehár, estreada em 1905.

15 *Apoc.* 13, 18.